

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA LOBOS

EDMÉLIA ROMUALDO

AS EMOÇÕES

e suas influências no desempenho do músico
e no processo de aprendizagem



RIO DE JANEIRO
2002

EDMÉLIA ROMUALDO

AS EMOÇÕES

e suas influências no desempenho do músico
e no processo de aprendizagem



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSORA: MÔNICA DUARTE

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



EDMÉLIA ROMUALDO

AS EMOÇÕES

e suas influências no desempenho do músico
e no processo de aprendizagem

Monografia apresentada ao
Instituto Villa-Lobos da
Universidade do Rio de Janeiro
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Artística- Habilitação em Música

Professor Orientador: VILMA BARBOSA SOARES



Rio de Janeiro
2002

ROMUALDO, Edméia. Emoções. Rio de Janeiro:
Universidade do Rio de Janeiro, 2002. 41f.
Monografia (Licenciatura Plena em
Educação Artística – Habilitação em Música) –
Instituto Villa Lobos,
Universidade do Rio de Janeiro, 2002

LEI DO DIREITO AUTORAL

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.

Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

ROMUALDO, EDMÉLIA
Emoções / Edméia Romualdo – Rio de Janeiro, 2002. 41f.

MONOGRAFIA (Graduação) – Universidade do Rio de Janeiro, Instituto
Villa-Lobos, 2002.



LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os músicos e professores, que atuam diretamente com emoções, e que talvez possam se favorecer dos seus efeitos.



AGRADECIMENTOS

- A Deus, acima de todas as coisas, pois me deu vida e saúde, e disponibilizou os recursos para que eu pudesse cursar esta faculdade;
- À minha mãe Amélia Romualdo, que me direcionou para a vida musical;
- À minha irmã, Virgínia Lúcia Romualdo C. de Oliveira, pelo incentivo e colaboração;
- A todos os amigos que me motivaram e tiveram as mesmas aspirações, e também àqueles que, de alguma forma, contribuíram para o meu trabalho, com sugestões e materiais.
- À professora Mônica Duarte, professora da disciplina Monografia, pelo carinho, dedicação, preocupação e incentivo para a continuação deste trabalho;
- À minha muito admirada orientadora, Professora Vilma Soares, que realmente me orientou, levando-me a perceber o que realmente eu queria, e que me apoiou na busca desse novo conhecimento;
- A todos os professores que, ao longo desse período de formação acadêmica, contribuíram para o meu crescimento, como pessoa e professora: Laura Rónai, Luiz Eduardo, Mirna Rubin, Eduardo Lakschevitz, Júlio Moretszon, José Wellington, Hélder Parente, Regina Marcia, entre tantos outros...

LEI DO DIREITO AUTÓGRAFO
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



RESUMO

Este trabalho trata das emoções como experiências individuais e do seu reflexo no comportamento dos sujeitos da relação ensino e aprendizagem. Elas promovem reações físicas identificáveis objetivamente, não se concebendo, portanto, que ao estudá-las, fechemos com a idéia de que pertencem ao campo da subjetividade e que não extrairemos de tal estudo conclusões verificáveis. Buscamos descobrir como o assunto interfere nos relacionamentos aluno-professor-turma e na própria recepção-criação- transformação do conhecimento.

Tendo as emoções ligações com a percepção e a memória, como o músico lidará com elas em suas apresentações, e mais, quais poderão ser as tendências em seu desempenho, é o que vamos abordar. Levantaremos, também, a perspectiva da singularidade de cada indivíduo, no que tange às diversas formas de aprender, ou seja, a influência da personalidade na aprendizagem.

A motivação é uma ferramenta indispensável ao processo de aprendizagem, que pode ser manejada com habilidade e sensibilidade pelo educador atento aos seus alunos enquanto sujeitos do conhecimento possuidores de uma integralidade, imaginação, sensibilidade, capacidade motora e mental, grau de treinamento, grau de relaxamento, capacidade de libertação e projeção e criação.

Este texto reinicia os debates, neste início do novo século, sobre se a busca insaciável da técnica, a transmissão mecânica dos conteúdos, não estariam intimidando ou alijando talentos, que se acomodariam nos moldes estabelecidos e sedimentados ou se estaríamos produzindo músicos que realmente se sintam livres. O que queremos é abrir caminho para que nos tornemos músicos mais seguros e confiantes e mais eficientes na consecução de nossas metas.

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 SOBRE AS EMOÇÕES	08
2 A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO DESEMPENHO DO MÚSICO.....	14
2.1 Prazer.....	15
2.2 Medo.....	16
2.3 Ansiedade	18
2.4 Mudanças Fisiológicas	20
2.5 Personalidade	22
3 A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	25
3.1 Sobre o Processo de Aprendizagem.....	26
3.2 Motivação	28
3.3 A Influência dos Professores nesse processo	31
CONCLUSÃO	37
BIBLIOGRAFIA	40

LEI DO DIREITO AUTORAL
 Todos os direitos reservados e protegidos
 pela Lei 9.610/1998.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou
 transmitido sejam quais forem os meios
 empregados: eletrônicos, mecânicos,
 fotográficos ou quaisquer outros.



INTRODUÇÃO

As emoções interferem em todas as atividades humanas, algumas favorecendo e outras perturbando e até inibindo-as completamente. No desempenho do músico não é diferente: as emoções não podem ser desconsideradas ou colocadas em plano secundário, até porque o músico geralmente tem uma sensibilidade muito grande, seus sentimentos são intensos e trabalham provocando emoções nas demais pessoas. Apesar da grande exigência de domínio de técnica, o profissional da área de música, e particularmente o estudante de música, é um corpo humano subjugado à intensa complexidade de suas emoções. O estado emocional do músico pode interferir diretamente no seu resultado artístico.

E por que será que as emoções interferem de forma tão forte no desempenho do músico? Uma resposta já foi dada: o músico é muito sensível e com isso tem seus sentimentos à flor da pele. Que não se confunda, aqui, emoções passadas através da música para o público: o que queremos enfatizar é o que o músico sente dentro de si, e até onde podem esses sentimentos interferir para o bom ou para o mau desempenho nas ocasiões em que ele se expõe para uma platéia.

Vamos abordar emoções, que identificamos como mais frequentes e seus efeitos sobre o músico, como o prazer, o medo, a ansiedade e as reações fisiológicas que geralmente se apresentam junto com elas. Vamos observar se as emoções terão os mesmos efeitos em pessoas diferentes, se a personalidade pode interferir no efeito dessas emoções.

A aprendizagem de alguém pode ser afetada se tomado por alguma emoção? Até que ponto o professor pode ser um facilitador ou não no processo de aprendizagem. Ele motiva ou desmotiva, ele se interessa por seus alunos no contexto geral da vida deles, ou se mantém



UNIRIO
Biblioteca

distante? Será que se preocupa com as emoções que seus alunos sentem e que podem servir como empecilhos para eles?

Queremos, através desse trabalho, mostrar que muitas deficiências, apresentadas por alunos e profissionais da música, são decorrente das fortes emoções que são despertadas no momento das atividades que precisam desempenhar. Os músicos tomando conhecimento das emoções que sentem, podem melhorar o desempenho, assim como um professor, que se interessa por seu aluno, pode, depois de detectar a presença das perturbações vindas das emoções, pode ajudar seus alunos a superarem alguns de seus problemas na aprendizagem. Mas será possível se chegar a um auto-controle? É o que estaremos investigando, com o auxílio dos teóricos da área da psicologia, que já estudaram a área da emoção, motivação e aprendizagem.

Esse trabalho será de grande valia, para os músicos e para os professores, que pretendam aproveitar o lado bom das emoções e desfazer toda contribuição negativa, para se alcançar desempenhos melhores, e aprendizagem sem bloqueios ou traumas. Pretende-se que sofrimentos sejam minorados e que esses profissionais, possam desfrutar do prazer de estar atuando na área musical.

Através de pesquisas bibliográficas, estaremos entrando nesse universo tão complexo, mas igualmente maravilhoso.



1 SOBRE AS EMOÇÕES

O estudo das emoções é um assunto que não tem concordância geral quanto a definições. Existem muitas delas; as mais simples, as definem através do seu caráter subjetivo: emoções seriam sentimentos experimentados pelo indivíduo, ou transformações físicas do corpo; algumas definições se concentram na reação vinda com a emoção, isto é, o comportamento; outras, ainda, buscam perceber a situação que desperta a emoção.

Observaremos o que dizem alguns especialistas: “As emoções são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo, em resposta a um acontecimento inesperado, ou, às vezes, a um acontecimento muito aguardado (fantasiado)”. (Bock et al., 1999, p.194). Ao sentirmos uma emoção, as reações físicas acontecem. Um susto, uma surpresa, causam reações motoras ou verbais no indivíduo. Elas aparecem de forma rápida, mas intensa, e não as podemos controlar.

As emoções afetam diretamente o organismo, portanto, provocando reações no corpo. Além das situações já citadas, as emoções provocam ações, que podem modificar o comportamento, levando o indivíduo a agir ou inibindo uma ação. “Emoções - poderosas reações que exercem efeitos motivadores sobre o comportamento”. (Murray, 1986, p.80).

As reações fisiológicas mais importantes geradas pelas emoções acontecem em órgãos como o coração, o estômago e os vasos sanguíneos. Tremores, sudorese, gagueiras, calor, “dor de barriga”, “dor no estômago”, entre outros, são comportamentos facilmente observáveis e imputáveis a causas emocionais.

O medo neurótico, a insegurança, as sensações irracionais de perseguição, a baixa auto-estima, podem interferir no desempenho, na percepção e atenção do indivíduo, podendo assim atingir diretamente, por exemplo, o processo de aprendizagem. “As emoções são reações

fisiológicas e psicológicas que influem na percepção, aprendizagem e desempenho”. (Murray, 1986, p.80).

Mas a vida não teria o mesmo sabor sem as emoções: seria, talvez, como uma música sem dinâmica, que se tocasse igualmente do início ao fim: ficaria insossa, sem vigor, sem vida. As emoções nos dirigem no nosso dia a dia, e, mesmo não sendo programadas, são elas que movimentam nossas vidas, embora às vezes gerando sensações ruins.

“... a emoção é o sal da vida; as coisas seriam bem monótonas sem a emoção... é um estado de excitação do corpo, marcada por muitas mudanças fisiológicas.(...), é um sentimento, que em parte decorre do estado de excitação, que pode ser agradável ou desagradável. Além disso, a emoção é algo que uma pessoa exprime – com a voz, com o rosto, com o gesto. Finalmente, a emoção pode servir como motivos ou objetivos”. (Morgan, 1977, p.73-74).

As emoções podem ser agradáveis ou desagradáveis. Podemos citar algumas como agradáveis: alegria, felicidade, prazer, satisfação, euforia, aceitação, êxtase, e outras, como desagradáveis: medo, ansiedade, raiva, revolta, desprezo, vergonha, humilhação, tristeza, mágoa, desânimo; e podemos incluir a surpresa, fazendo parte dos dois grupos. A recordação dos fatos que nos fizeram emocionar pode fazer com que as lembranças específicas permaneçam no corpo por algum tempo.

“... palestra de Byron Stock, nos Estados Unidos... Pesquisas do “Institute of Heart Math” mostram que lembranças de sentimentos de frustração ou apreciação afetam diretamente o sistema nervoso autônomo que muda o ritmo do coração. Apenas a recordação faz com que as emoções negativas e positivas permaneçam no corpo durante várias horas”. (Ramos, 2002., p.20).

Essa questão do tempo de duração da emoção é muito interessante. A emoção não conta com o hábito, é inesperada. Geralmente quando se está ansioso por algum motivo, essa ansiedade

se desfaz logo que a situação passa. Mas a emoção que compunha a ansiedade pode ser sentida novamente se relembrarmos da situação causadora: é essa recordação que a faz durar, que lhe prolonga a vida. Ou seja, “as emoções podem ser iniciadas ... também pela lembrança de experiências prévias, arquivadas na memória”. (Delgado, 1971, p.31).

As emoções têm muito a ver com percepção e memória; recebemos sinais físicos a todo momento (luz, som, sabores, texturas, etc.) e é possível interpretá-los; essa interpretação é individual, pois o mesmo sinal, recebido por diferentes pessoas, pode ser interpretado de variadas formas. O ambiente pode contribuir para despertar lembranças, assim como uma leitura (engraçada ou triste), ou objetos pertencentes a um ente querido, que podem despertar alegrias ou tristezas. As experiências passadas podem interferir diretamente na composição e na recordação das emoções.

Se compararmos as emoções com os sentimentos, observaremos que as emoções são mais explosivas, de duração mais limitada, e vêm acompanhadas de reações orgânicas. Os sentimentos são mais duradouros e não vêm acompanhados por reações orgânicas. Podemos citar, como exemplos, a Paixão, que é passageira e o Amor, que é mais duradouro. “Assim, consideramos a paixão uma emoção, e o enamoramento, a ternura, a amizade, consideramos sentimentos, isto é, manifestações do mesmo afeto básico – o amor”. (Bock et al, 1999, p.198). Emoções e sentimentos têm muita importância para a vida do homem, fazem parte da vida psíquica. Eles nos orientam a tomar decisões, ajudam-nos a articular as variadas percepções que temos dos fatos e pessoas, gerando um sentido para elas; enfim, dão cor e sabor a nossa vida.

As emoções geram comportamentos, propiciando atitudes de aproximação ou de repulsa. Algumas das reações fisiológicas que provocam são mais observáveis do que outras. Podemos reparar em um tremor de mãos, por exemplo, mas não poderemos saber se as batidas do coração

estão mais rápidas ou se o indivíduo subitamente desejar urinar. As emoções que sentimos independem de nossa vontade, embora possamos teatralmente interpretar atitudes típicas de comportamentos cuja origem está nas emoções.

Quando chegam informações ao cérebro, o córtex decidirá se haverá ou não alguma ação. Quando a emoção é negativa, a amígdala¹ “seqüestra o cérebro” e passa a dirigir a mente racional. Ela é uma sentinela, envia as mensagens urgentes para o cérebro, preparando o corpo para lutar ou fugir. Tomadas por emoções fortes, as pessoas, geralmente, não conseguem pensar claramente; o processo de aprendizagem também fica comprometido, existindo dificuldades para tomar decisões e registrar fatos. Não se consegue, por exemplo, resolver problemas simples, cometendo-se erros ingênuos, que em outras circunstâncias não ocorreriam. É assim que surgem os “brancos”, que aparecem as gagueiras ao se falar em público, além de outras dificuldades. As mesmas pessoas, no entanto, sob o efeito de emoções serenas, intensas ou melhor elaboradas, conseguem realizar coisas ótimas.

As perturbações causadas pelas emoções servem como objeto de interesse de muitos estudiosos, que procuram entender suas origens, características e influências. Para Young, “é a perturbação da atuação que interessa o estudioso da emoção”. Ele “definiu emoção como um estado afetivo altamente perturbado do indivíduo, que é de origem psicológica e se revela no comportamento, na experiência consciente e no funcionamento visceral”. (Young² apud, Delgado, 1971, p.24).



¹ (“que é a maior responsável pelas emoções, tendo a função de filtrar e interpretar as informações sensoriais que entram no cérebro, deve avaliar, levando em conta as necessidades de sobrevivência e emocionais, e ajudar a iniciar respostas adequadas” (Ramos, “O despertar do gênio”, 2002, p. 17)

² (YOUNG, P.T. “Motivation and Emotion.” New York: John Wiley, 648 pp., 1961

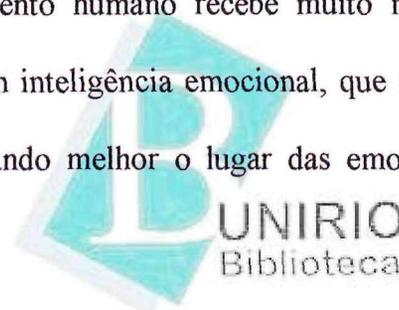
O racional se perde, a respiração muda, o sistema imunológico reduz o nível de catecolaminas. O cérebro produz substâncias que são os neurotransmissores, que levam as informações de um neurônio para outro. As catecolaminas aumentam a disposição para brigar, e a serotonina e endorfina, mantêm a pessoa calma, experimentando uma sensação de bem-estar. As emoções acabam deformando, transformando a realidade, mexem com a nossa vida, na verdade “a emoção orienta a razão”. (Damásio³ Ramos, 2002, p. 22).

A linguagem talvez ainda seja o melhor indicador das emoções; e através da expressão vocal também podemos identificar algumas delas. O rir, o chorar, o gritar, o tom, a inflexão da voz, o ritmo das palavras e até conteúdos ideológicos podem ser identificados através da voz. A expressão facial, os gestos e posturas, também podem expressar estados emotivos. É muitas vezes possível observar-se no rosto das pessoas suas emoções: se elas estão alegres, tensas ou com medo, a mímica facial se modifica. Pode-se suspeitar que uma pessoa rígida e irrequieta está sob tensão: ao contrário, movimentos leves, relaxamento seriam expressões de menor conflito e intensidade de emoções e sentimentos. Tudo isso é subjetivo, suas manifestações podem ser aprendidas através das influências ambientais e do próprio processo de desenvolvimento humano.

Atualmente, o papel das emoções no comportamento humano recebe muito maior atenção do que em qualquer outra época. Fala-se mesmo em inteligência emocional, que seria, uma forma de explicar o comportamento humano enfatizando melhor o lugar das emoções. Poderíamos oferecer algumas definições específicas:

“Autoconhecimento. Esta competência capacita a pessoas a entender seus estados internos, preferências, recursos, intuições e sentimentos. Envolve o (1) *autoconhecimento emocional*: reconhecer as próprias emoções e seus efeitos; (2)

³ DAMÁSIO, Antônio. O erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano. Companhia das Letras. 1996



auto-avaliação acurada: conhecer sua forças e limite e (3) *autoconfiança*: ter certeza de sua capacidade e do próprio valor (auto-estima).

Autogestão. Esta competência capacita a pessoa a administrar e controlar seus estados internos e impulsos. Envolve (1) *autocontrole*: gerenciar emoções/ reações destruidoras; (2) *consciência e integridade*: aceitar responsabilidade; (3) *adaptabilidade*: ter flexibilidade para lidar com mudança; (4) *iniciativa e inovação*: estar pronto a agir, tendo abertura a novas idéias e (5) *impulso no sentido da realização*: esforçar-se para melhorar e alcançar um padrão de excelência (automotivação)

Conhecimento do outro. Esta competência capacita a pessoa a fazer a leitura de necessidades, preocupações e sentimentos alheios. Envolve (1) *empatia*: compreender sentimentos e perspectivas dos outros; (2) *orientação para serviço*: reconhecer e atender as necessidades alheias; (3) *desenvolvimento dos outros*: perceber os pontos em que outros precisam crescer e (4) *conhecimento político*: ler as correntes emocionais do grupo e os relacionamentos de poder.

Habilidades sociais. Esta competência capacita a pessoa a trabalhar com outros. Envolve (1) *liderança*: inspirar/ orientar indivíduos; (2) *influência*: utilizar técnicas efetivas de persuasão; (3) *comunicação*: fazer mensagens claras e convincentes; (4) *catalisação da mudança*: iniciar ou administrar mudanças; (5) *gestão de conflitos*: negociar e resolver divergências; (6) *colaboração e construção de laços*: cooperar com os outros e fortalecer os relacionamentos, e (7) *capacidade do time*: criar a sinergia grupal, na busca de objetivos coletivos". (Ramos, 2002, p.32).

LEI Nº 9.610 DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998
 Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da UNIRIO.
 Este arquivo não pode ser reproduzido ou transmitido sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos ou quaisquer outros.



2 A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO DESEMPENHO DO MÚSICO

“... até certo ponto, a excitação ajuda o desempenho; além disso, prejudica-o”. (Morgan, 1977, p.78). Quando a emoção chega ao nível de impulsionar ela é bem vinda, pois o incentivo ajuda, dá ânimo, para quem precisa desempenhar alguma tarefa. Entretanto, quando a excitação ultrapassa o limite aceitável, ela pode prejudicar no desempenho. Um tremor, uma “dor de barriga”, um “branco”, um grande medo, forte ansiedade, podem interferir na hora de desempenhar uma tarefa. “As emoções são reações fisiológicas e psicológicas que influem na percepção, aprendizagem e desempenho”. (Murray, 1986, p.80).

Às vezes, por uma errada canalização da energia psicofísica e pela adição de elementos estranhos aos atos específicos, a expressão do sujeito fracassa ou é desviada, de modo que em vez de liberação há um aumento de tensão. Alguns músicos se sentem tão tensos que sentem dores musculares na hora em que têm que desempenhar alguma atividade.

O músico, como os profissionais da arte em geral, tem características próprias, algumas obviamente de caráter positivo para a sua atividade: imaginação, sensibilidade, habilidade motora e mental, técnica, capacidade de abstração dos estímulos ambientais. Mas existem outras que podem assumir caráter negativo: medo de errar, tensões quanto à aceitação social, preocupação exagerada com o desempenho emocionais, carência, excesso de repressão. Todas essas características vão influenciar fortemente no seu desempenho.

Que as emoções perturbam o indivíduo, acreditamos que já não há dúvidas. O que se pretende agora é saber quais emoções acontecem com mais frequência e como interferem no desempenho do músico, especialmente, se é que isso de fato acontece. Pois todas as reações comentadas são descargas de tensão do organismo emocionado, uma forma de desabafar. “... as

emoções são momentos de tensão em um organismo, e as reações orgânicas são descargas emocionais”. (Bock et al, 1999, p.196).

2.1 Prazer

Quando conseguimos realizar algum de nossos objetivos, nos sentimos bem, sentimos prazer. Prazer- resposta à satisfação de um motivo, realização de um objetivo. O que dá prazer, muda do nascimento em diante, com a maturação e aprendizado. “... o prazer é uma resposta à satisfação de um motivo ou, em outras palavras, à realização de um objetivo”. (Morgan, 1977, p.79)

O que nos dá prazer hoje pode mudar amanhã: ou seja, isso vai depender de cada etapa da nossa vida. Normalmente, quando finalizamos uma atividade com êxito, a sensação de prazer nos invade, pois cumprimos uma atividade. A satisfação vem depois de nos livrarmos de alguma sensação de incômodo, mesmo que seja alguma atividade boa; mas esse incômodo é despertado por se sentir medo, ansiedade, tensão, dor. Pode ser uma prova, uma atividade que necessite uma exposição frente a outras pessoas.

Mesmo quando alcançamos um estado de equilíbrio, chegando a uma homeostase (que não é um grau zero de tensão, mas um nível bom), continuamos alertas. O importante é conseguir alcançar um grau de excitação que seja o almejado para um bom desempenho. O que sentimos após as conclusões das tarefas é alívio: ele acontece logo após a realização de algum objetivo; no entanto, isso não significa que houve prazer, pode ter sido só uma obrigação, e desaparece mais rapidamente. Já o prazer vai surgir se houver um grande êxito nessa realização.

Como tudo isso interferiria no desempenho? Se o músico sentir prazer no que faz, vai desempenhar suas atividades, buscando um aperfeiçoamento. Ele vai querer melhorar cada vez

mais seu desempenho, despertando prazer nos ouvintes da sua arte. Uma necessidade maior de atividades assumirão espaços mais amplos sua vida. A falta de prazer desmotiva, faz com que não se tenha vontade de fazer qualquer atividade. E o que pode acontecer é um grande número de desempenhos ruins, pois cada vez estudaremos menos, haverá menor dedicação de nossa parte.

Na aprendizagem não será diferente: é necessário prazer no que se estuda para que se obtenha bons resultados. Do contrário, teremos alunos desmotivados, desinteressados.

2.2 Medo

“O medo é geralmente causado por um estímulo interpretado como ameaça física ou psíquica...”. (Delgado, 1971, p.93). O medo pode ser facilmente aprendido, e pode durar por muito tempo. Ele está relacionado com fuga, evitação, susto, submissão, podendo ser condicionado (batida com carro- medo de dirigir) ou adquirido (medos que os pais tenham).

As respostas ao medo variam muito, indo de um comportamento de fuga até uma inibição motora completa. Por não se achar capaz de desempenhar uma atividade, por exemplo, o músico pode não conseguir realizar uma atividade. Isso não estaria ligado diretamente ao fato de ele ter estudado ou não uma peça musical, por exemplo, mas ao fato de se sentir muito medo, de sentir-se ansioso. Claro que se o estudo for feito de maneira adequada a insegurança pode ser menor gerando melhor desempenho. Mas o que queremos destacar é o fato de que, mesmo com total dedicação, empenho e estudo, o medo, como manifestação psicológica, pode interferir grandemente no desempenho. Experiências negativas às vezes ficam gravadas, levando ao medo no momento da realização de uma atividade. O medo de passar vergonha diante de outros músicos também vai exercer uma forte influência no momento de uma apresentação.

Uma baixa auto-estima, que faz com que se pense sempre que não se é capaz, pode gerar o medo do fracasso. Este pode ter algumas causas: uma situação de estudo que foi ameaçadora ou ansiogênica, resistências às novidades, competitividade excessiva, inveja mal controlada, ciúmes exagerados, entre outras.

Algumas pessoas têm medo de aprender, e principalmente de se conhecer, descobrir suas potencialidades. Freud nos afirma que o medo do auto-conhecimento é uma das grandes causas de muitas doenças psicológicas. Algumas pessoas se defendem nutrindo, por exemplo, um medo do saber, pois é uma forma de protegerem a própria auto-estima, o amor e o respeito que sentem por si. Têm medo de se sentirem inferiores, fracos. Outro medo que podemos sentir é o de desenvolvimento pessoal. "...uma negação do nosso lado melhor, dos nossos talentos, dos nossos mais delicados impulsos, das nossas mais altas potencialidades, da nossa criatividade. Em resumo, isso é a luta contra a nossa própria grandeza, (...)". (Maslow, p. 88).

O medo precisa ser superado se quisermos dar lugar à criação. O que geralmente acontece é termos medo da responsabilidade, da cobrança que virá se deixarmos fluir nossos talentos. O pensamento sobre os riscos e as possibilidades de não conseguir desempenhar-nos tão bem, e não atingirmos as expectativas nossas e dos outros, gera o medo.

Como tudo isso interferiria no desempenho? Uma pessoa com medo pode ficar paralisada e não conseguir desenvolver um atividade; pode, por exemplo se sentar para tocar piano e não conseguir tocar uma única nota, ou tentar cantar e não conseguir emitir nenhum som. A escrita de um ditado musical, a realização de um solfejo, podem ser afetados pelo medo. O aluno pode ter medo de um professor, sentir-se ameaçado e não conseguir render o necessário. Tudo isso, com certeza, pode interferir no seu desempenho durante uma aula ou de uma apresentação.

O medo do fracasso está ligado a necessidade de realização. Isso influi na disposição de correr riscos. Geralmente, as pessoas que têm muito medo de fracassar gostam de tarefas fáceis ou muito difíceis. Gostam das fáceis, porque vão conseguir realizá-las. As difíceis, ninguém as cobrará, pois muitos não conseguirão realizar também. O problema está nas tarefas que exigem um pouco mais e que muitos podem realizar, pois aí podem começar as comparações, por isso não é bom arriscar.

Reconhecemos a causa do medo; a ansiedade, entretanto, é um medo vago, sem conhecimento da causa. Medo e ansiedade são emoções despertadas quando sentimos que os motivos subjacentes aos nossos propósitos estão sendo ameaçados. O medo de fracassar, por exemplo, gera ansiedade.

2.3 Ansiedade

“A ansiedade é tensão que leva a perturbações fisiológicas (aumento das batidas cardíacas, aceleração do ritmo respiratório, etc.), e a sentimentos de medo e inadequação.” (Malpass et al, 1972, p. 308). Segundo, Freud, citado por Malpass, no livro citado acima, encontramos três tipos de ansiedade, e podemos classificá-las como: a) ansiedade real, quando se sente que realmente há um perigo por vir; b) ansiedade neurótica, que surge da possibilidade de haver algum perigo, e c) ansiedade moral, que é despertada pela censura da consciência. O que se espera é que o indivíduo, mesmo tomado por ansiedade, consiga, avançar; se isso não acontece, é porque ele se deixou tomar pela ansiedade neurótica.

Uma situação ruim gera registro desprazerosos, e a ansiedade inicialmente ligada a ela reaparece ao nos encontramos em uma situação semelhante. O medo de não se alcançar um objetivo anteriormente desejado gera ansiedade quando o buscamos em uma outra vez.

Quando buscamos um conhecimento, podemos fazê-lo para reduzir uma ansiedade, e o contrário também pode acontecer, a ansiedade nos impedir de buscar o aprendizado. Há um medo de ousar, de experimentar. Identicamente ao que acontece ao indivíduo com medo, a ansiedade também bloqueia, e pode gerar os tais “brancos”. “... como o sabem muitos estudantes, o excesso de ansiedade pode prejudicar o desempenho ou provocar “bloqueios mentais” ”. (Morgan, 1977, p.78).

Como tudo isso interferiria no desempenho? Segundo Murray, Seymour Sarason e colaboradores realizaram uma pesquisa com crianças em época de teste escolar, onde investigavam sobre a ansiedade. Fizeram perguntas como “preocupa-se muito quando está fazendo um exame?”

Eles concluíram que as crianças com muita ansiedade poderiam ter muita aptidão, mas que o grande receio do fracasso impediria um desempenho perfeito. “... as provas causam ansiedade e medo, emoções que têm o poder de bloquear a parte racional do cérebro, impedindo qualquer desempenho desejável”. (Ramos, 2002, p.69).

Às vezes um artista, em um concerto que foi muito bem preparado e pelo qual havia esperado muito, pode decepcionar-se constatando que sua atuação não foi das melhores. A expectativa tão forte, pode despertar as reações emocionais também intensas perturbando o momento do desempenho; assim, às vezes a pessoa pode mesmo sentir-se paralisada. Além da mente que começa a dizer que não vai ser possível, há também as reações fisiológicas, que vão se intensificando com o aumento da ansiedade; por exemplo, “quando estamos muito ansiosos,

sentimos tensão muscular”, (Malpass et al, 1972, p.309), e, a tensão muscular aumenta a ansiedade, como num círculo vicioso.

“A ansiedade e a timidez não só inclinam a curiosidade, o saber e a compreensão aos seus próprios fins, usando-os, por assim dizer, como instrumentos para aliviar a ansiedade, mas falta de curiosidade também pode ser uma expressão ativa ou passiva de ansiedade e medo”. (Maslow, p. 93).

A pessoa livre de ansiedade excessiva tem mais coragem, mais audácia para buscar o conhecimento. A coragem suplanta o medo. “O risco causa ansiedade, mas não arriscar é perder o nosso próprio eu. E, no mais alto sentido, arriscar é, precisamente, estar cômico do próprio eu”. (Kierkegaard citado por May, 1974, p. 63).

2.4. Mudanças Fisiológicas

Fisiologicamente falando, a primeira coisa que acontece, a emoção sendo agradável ou não, é o estado de excitação. Este se caracteriza por alterações fisiológicas e por mudanças no sistema nervoso autônomo, principalmente no sistema simpático.

No sistema nervoso autônomo existem nervos que saem para algumas partes do corpo, ligando-se a glândulas, a músculos lisos e ao músculo cardíaco. As glândulas do sistema nervoso autônomo são de dois tipos: glândulas com ductos, como as salivares, e as ~~sem ductos~~, como a supra-renal. Os músculos lisos são encontrados no estômago, nos intestinos, e também nas paredes dos vasos sangüíneos; os da íris do olho, por exemplo, controlam o tamanho da pupila.

Segundo Langley (1905)⁴, o sistema autônomo se divide em duas partes, sistema simpático e parassimpático, que, na maioria dos casos, atendem aos mesmos órgãos, porém com efeitos opostos. O simpático é chamado de sistema de “emergência”, e sua atividade se direciona para excitação fisiológica, prepara o indivíduo para situações de emergências. Ele está sempre acionado em momentos de medo, cólera, dor e excitação emocional. Alguns efeitos são facilmente observáveis:

“... a pupila do olho se dilata, a glândula salivar deixa de secretar... o índice de respiração aumenta, a batida do coração acelera, os vasos sanguíneos no estômago e nos intestinos se contraem, a pressão sanguínea se eleva, a resistência elétrica da pele cai, a glândula supra-renal secreta o hormônio conhecido como adrenalina.... a glândula supra renal... depende apenas da atividade simpática”. (Morgan, 1977, p.75-76).

Todos nós conhecemos bem essas reações: são os famosos tremores nas mãos, e nas pernas, o “frio na barriga”, o suor excessivo, as mãos geladas, o “branco” na memória, a “dor de barriga”, os olhos arregalados, o rosto quente, vermelho, o balançar de pernas, o mordiscar os lábios, etc...

O sistema parassimpático se opõe ao sistema simpático, pois suas ações tendem a conservar e formar estoques de energia no corpo. É o sistema da conservação. Também seus efeitos são conhecidos:

“...a pupila do olho se contrai, a glândula salivar secreta saliva, a respiração diminua, o coração fique mais lento, os vasos sanguíneos no estômago e no intestino se dilatam, e a pressão sanguínea caia”. (Morgan, 1977, p.75-76).

⁴ MORGAN, Clifford T., “Introdução à Psicologia”, editora Mcgraw W-Hill do Brasil, São Paulo, 1977

O coração, depois de ter acelerado, retorna a normalidade das suas batidas, os tremores diminuem, bem como o calor do corpo; ou seja, tudo o que foi perturbado pela atividade do simpático, retorna ao estado natural depois que o parassimpático atua.

Não se tem provas concretas de que doenças como, asma, obesidade, colites, disfunções gástricas (úlceras, gastrite), doenças de pele e outras, podem ter ligações com problemas emocionais do paciente. Entretanto, existem numerosos estudos que relacionam inúmeros desses distúrbios com estados emocionais imediatos e com estruturas de personalidades atreladas a conflitos emocionais. A área denominada Psicossomática apresenta, atualmente, uma riquíssima bibliografia que considera a estreiteza das relações entre distúrbios emocionais e orgânicos.

Como tudo isso interferiria no desempenho? Dores no pescoço, podem ser causadas por grande tensão; os tremores dos membros aumentam durante o medo e a ansiedade, bem como os batimentos cardíacos se acelerar, sentimos também a “dor de barriga”, ou a “dor no estômago” quando estamos ansiosos; da mesma forma que a sudorese excessiva, os tremores e a perda da voz podemos atrapalhar bastante na hora de executar alguma atividade prática, como no momento de exposição de um trabalho ou em época de provas. Uma cantora, muito ansiosa no momento de se apresentar, talvez perca a voz e um instrumentista ao tocar pode sentir mãos com muito tremor ou suor; eles terão, nesses casos, o desempenho prejudicado pelo excesso de manifestações fisiológicas de seu estado emocional.



2.5. Personalidade

Será que todos sentimos as mesmas emoções? Será que as sentimos da mesma forma? Ou será que algo nos diferencia na experimentação subjetiva e fisiológica das emoções?

“O Human Dynamics é um estudo desenvolvido por Sandra Seagal e nos explica que cada pessoa tem uma maneira diferente de lidar com o mundo e com as diferentes informações que lhe são apresentadas. Este estudo mostra que as pessoas aprendem de formas diferentes umas das outras. Cada um de nós desenvolve uma forma específica de aprendizado, compatível com a dinâmica que rege nossa personalidade”. (Cardoso, 2000, p.74).

O músico, se expressa através de seu desempenho artístico, o que faz com que suas emoções acabem ficando à mostra. Entretanto, as interpretações musicais serão diferentes, bem como a forma de demonstrar as emoções, em razão da personalidade de cada um. “Toda conduta expressiva é projetiva e, como tal, tem a qualidade de refletir aspectos da personalidade”. (Gainza, 1998, p.31). O indivíduo ao fazer uma apresentação artística mostra-se também como pessoa que é, pois utiliza as particularidades que o identificam como tal. As inibições podem contribuir para comprometer seu desempenho, bem como a harmonia de sentimentos, pois isso faz parte da personalidade.

Cada um de nós vai desenvolver comportamentos, que foram se organizando desde o nascimento, e adquiridos através das relações vivenciadas na família e dos costumes propícios do ambiente em que a pessoa convive. A cada dia vamos somando coisas novas, que vão interferindo no nosso comportamento, pois a “personalidade é a organização do comportamental singular que cada indivíduo adquiriu sob as condições especiais de seu desenvolvimento”. (Lundin, 1979, p.6).

Cada pessoa é diferente, pois vimos de lares diferentes, temos contatos com culturas diferentes e diferentes convívios sociais. A personalidade é que nos revela, nos diferenciando uns dos outros, mas é certamente, através das interações humanas que essa mesma personalidade se estrutura e se desenvolve ao longo dos anos de imaturidade.

“Cada um de nós é uma pessoa única, com particularidades no comportamento, que foram adquiridas desde o seu nascimento, características especiais, que nos fazem ser o que somos. A influência do ambiente no desenvolvimento da personalidade começa, na realidade, desde o momento em que somos concebidos”. (Lundin, 1979, p.13).

As muitas mudanças que marcam as diferentes fases de sua existência vão fazendo com que o indivíduo se transforme, desde o início de sua vida até o fim dela. Às características pessoais adquiridas, aos atributos destacados por outrem, se denomina identidade, que é como o resumo de cada um. “... Os psicólogos diriam que a personalidade consiste nas características e maneiras distintivas pelas quais um indivíduo se comporta”. (Morgan, 1977, p.211). Isso pode se refletir no modo como o indivíduo responderá às emoções. Uns podem ser dominados completamente por elas, sendo impedidos de realizar qualquer atividade; outros vão senti-las, mas conseguirão realizar as atividades, seu desempenho não estará comprometido.

Na relação com a aprendizagem também se notará diferenças quanto ao papel das diferentes personalidades. Devido às vivências de cada um, a aprendizagem acontecerá de forma mais facilitada ou mais lenta, justamente porque no histórico das vidas individuais poderemos encontrar fatores facilitadores ou conflitos que perturbarão as aquisições.

3 A INFLUÊNCIA DAS EMOÇÕES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Quando somos capazes de fazer algo que não fazíamos antes, é sinal de que aprendemos. Essa é a idéia mais comumente encontrada sobre aprendizagem. Mas para a Psicologia, definir aprendizagem vai muito além do que foi descrito acima.

As várias teorias sobre aprendizagem podem ser agrupadas em duas categorias: as teorias do condicionamento e as teorias cognitivas. Para o primeiro grupo, aprendizagem é a conexão entre o estímulo e a resposta. Já para o segundo grupo, a aprendizagem é uma relação do sujeito com o mundo externo: isso permite que sempre se aprenda algo novo a cada dia. Aprendizagem, para os cognitivistas, é um processo de organização das informações e a ligação dessas novas informações com os conceitos já adquiridos.

Aprendizagem Mecânica- seriam as novas informações aprendidas, que não têm associação com conceitos já adquiridos como, por exemplo, alguém que decora a letra de uma música estrangeira, e que não sabe o significado do conteúdo. Os conceitos específicos não são levados em consideração.

Aprendizagem Significativa- ocorre quando idéias e informações se relacionam com os conceitos adquiridos, que são pontos de ancoragem para serem assimilados. Pontos de ancoragem são conceitos já assimilados que servirão para facilitar a aprendizagem de algo novo que tenha a ver com o mesmo assunto. Os dados que recebemos se misturam com que é lembrado e sentido, se estruturando e dando significados. “Bruner concebeu o processo de aprendizagem como “captar as relações entre os fatos”, adquirindo novas informações, transformando-as e transferindo-as para novas situações. Partindo daí, ele formulou uma teoria de ensino”. (Bock et al, 1999, p.119).

É importante que se dê atenção à estrutura das matérias que se pretende ensinar, procurando sempre ligar um assunto já apresentado com um novo. Essa preocupação com a forma de se apresentar o conteúdo é uma prova de interesse com a aprendizagem dos alunos.

“ Bruner propõe que os especialistas nas disciplinas auxiliem a estruturar o conteúdo de ensino a partir dos conceitos mais gerais e essenciais da matéria e, a partir daí, desenvolvam-no como uma espiral – sempre dos conceitos mais gerais para os particulares, aumentando gradativamente a complexidade das informações”. (Bock et al, 1999, p.119).

Para Bruner, o ensino está relacionado a compreensão: compreensão da ligação entre fatos e idéias, caminho que pode garantir a transferência do conteúdo aprendido para novas situações. Este princípio vale para o erro dos alunos, que deve servir para o seu crescimento. O professor pode percorrer todo o caminho de raciocínio do aluno para chegar ao momento do erro e encaminhá-lo ao raciocínio correto.

A aprendizagem será bem encaminhada se partir da vivência dos alunos; ou seja, deve-se partir da vivência para se chegar ao objetivo almejado. Também é importante que se incentive o aluno a fazer descobertas, estimulando a perguntar, investigar e experimentar. Na verdade, a aprendizagem começa com o início da vida.

3.1 Sobre o Processo de Aprendizagem

Anatomicamente, o cérebro se divide ao meio; o hemisfério direito processa as emoções, o esquerdo processa a linguagem matemática e o pensamento lógico. Mas eles não funcionam



isoladamente, pois são ligados pelo corpo caloso, e se envolvem em todas as atividades conjuntamente.

Em sala de aula, o lado esquerdo processa o conteúdo racional, o que foi dito; o lado direito processa o como foi dito, as expressões faciais, os gestos, o conteúdo emocional, a entonação; ou seja, todo o cérebro trabalha em conjunto. Aprender, portanto, poderia ser definido sendo como fazer conexões com todo o material que já existe na mente da pessoa, com suas experiências antigas, mas sempre integrando com as informações recém-chegadas.

O ser humano coloca a segurança como prioridade, acima até das necessidades de crescimento. A necessidade de sentir-se seguro, tranquilo e sem receio, é maior que a curiosidade para se aprender ou conhecer algo novo; ou seja, parece que as pessoas precisam sentir-se seguras para tentar algo novo, para arriscar, explorar ou investigar. Tanto a segurança quanto o crescimento proporcionam ao indivíduo angústias e prazeres. Existe progresso quando os prazeres do crescimento e a ansiedade da segurança são maiores do que a ansiedade do crescimento e os prazeres da segurança.

As dificuldades de aprendizagem podem ser uma forma de defesa. Talvez algumas vezes seja mais cômodo não saber, porque se soubermos termos que atuar, desenvolvendo o que aprendemos e modificando portanto a dinâmica da vida e dos relacionamentos, que nos caracterizam.

Em um ambiente em que não se sentem seguros, os alunos se tornam passivos ou inquietos, perturbando a disciplina, adotando comportamentos indesejáveis. Já em um ambiente onde existe diversão, afeição e segurança, os alunos interagem grandemente com os colegas e professores, aprendendo mais eficazmente.



Não devemos criar expectativas e ações só para os alunos que acreditamos ter capacidade. Se todos os alunos não forem estimulados, realmente não superarão as suas expectativas podendo ainda ocorrer que desenvolvam uma auto-estima muito baixa. Dos alunos que nunca se acham capazes para desempenhar qualquer atividade sempre ouvimos: não posso, não sei, não vou conseguir. O problema maior é que o cérebro registra essas mensagens de incapacidade e o consciente aceita como real. Ele é como um computador, onde digitamos essas mensagens e que em situações de medo se liga e as repete, acabando por nos perturbar e impedir um bom desempenho. Tanto o fracasso quanto o sucesso são construídos no cérebro. Por isso os alunos precisam ser incentivados, estimulados, para que seus cérebros aprendam a registrar conceitos benéficos para o seu desenvolvimento.

A aprendizagem se concretiza com a aquisição, consciente ou não, de capacidades ou destrezas nos campos sensorial, motor, afetivo e mental. Segundo Bleger, o comportamento e a personalidade se desenvolvem de forma organizada, progressiva, respondendo a um processo dinâmico no qual podem modificar-se de maneira mais ou menos estável; isso é aprendizagem.

3.2 Motivação

Não seria possível falar de emoção e aprendizagem sem mencionar a motivação. Ela está ligada a facilidade ou a dificuldade para aprender. Se o indivíduo se sentir motivado, vai se dedicar, agindo em busca do seu objetivo; do contrário, sem ação, não chegará a lugar algum. “A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação”. (Bock et al, 1999, p.121)

Por trás da motivação encontra-se um impulso para satisfazer uma necessidade ou um desejo, que estimula o organismo e leva o indivíduo a agir para alcançar a satisfação, o prazer. Estar motivado é estar com interesse de realizar alguma coisa. Quando não se consegue a satisfação ou não se alcança o objetivo proposto, pode chegar-se à frustração.

A motivação guarda “três aspectos distintos: 1) algum estado motivador dentro da pessoa que a impele para algum objetivo; 2) o comportamento que apresenta ao lutar por esse objetivo; 3) a realização do objetivo”. (Morgan, 1977, p.50).

Se o indivíduo sente prazer em realizar alguma atividade, sentir-se-á motivado para continuar essa atividade. No processo ensino – aprendizagem também vai acontecer da mesma forma. Um aluno que se sinta bem com seu professor, seus colegas, vai querer manter essa sensação boa, vai se sentir motivado a estudar, a buscar cada vez mais um conhecimento. Ao passo que, sentir-se inseguro ou ameaçado, por algum motivo, pelo professor ou colegas, ele não vai conseguir se motivar para fazer-se presente, participando, realizando alguma atividade. Por isso, a motivação é um dos fatores que determinam o comportamento das pessoas, pois interfere na aprendizagem, desempenho, percepção, atenção, recordação, esquecimento, pensamento, criatividade e sentimento.

O motivo é que dirige o comportamento para uma determinada meta, a qual serve de recompensa para a aprendizagem de novas reações. A motivação e a aprendizagem estão relacionadas, uma apoiando a outra.

“A motivação da aprendizagem se traduz nas seguintes leis:

- a) sem motivação não há aprendizagem.
- b) os motivos geram outros motivos.
- c) o êxito na aprendizagem reforça a motivação.
- d) a motivação é condição necessária, porém, não suficiente”. (Piletti, 1988, p.31).



Acontece um ciclo, onde a motivação incentiva a aprendizagem, que, obtendo sucesso, gera uma motivação para a continuidade do resultado positivo. Sentindo-se prazerosos, os indivíduos vão buscar cada vez mais esse resultado.

Outros elementos também vão contribuir para se conseguir motivação. A memória é um deles elementos. Parece mais comum as pessoas recordarem os acontecimentos bons do que os ruins, e guardarem os fatos que se ajustam às idéias que já existem, ao invés das que são desafiadoras. Mas na verdade os fatos ruins que foram marcantes acabam sendo guardados também. A ameaça à confiança, o sentimento de insegurança, podem afetar a memória. O sentimento de fracasso, que pode ter acontecido em outra situação, pode impedir a realização de novas tarefas.

A memória a curto prazo é mais facilmente perturbada que a de longo prazo. Às vezes é difícil recuperar o que fica na memória a longo prazo. A lembrança depende do significado do material, da aprendizagem e das possíveis interferências das novas informações, e principalmente do grau de interesse. A emoção e a motivação vão afetar o recordar e esquecer. A motivação determina as informações percebidas e retidas. Quando alguém consegue lembrar como desempenhar uma atividade que ficou por um bom período sem realizar, é sinal de que houve aprendizado, e não só condicionamento.

É fato que a motivação está presente em todas as áreas da nossa vida, e no ensino – aprendizagem vai ser imprescindível. Os alunos precisam a todo o momento ter condições que os incentivem, que os façam querer aprender. “A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno “fique a fim” de aprender”. (Bock et al, 1999, p.119). É claro que é preciso existir o desejo, a necessidade, e o interesse por parte dos alunos. Mas, a longo prazo, isso sempre vem, e é tarefa do professor nutrir neles essas características.

A personalidade do professor é um fator muito importante para que essa motivação surta efeito. Um fato fácil de se observar, é que geralmente as classes de professores que se mostram mais amigos, que tornam o ambiente mais agradável, utilizando-se de recursos e procedimentos de ensino adequados, são as mais procuradas. Os professores que se interessam pelos alunos são os mais solicitados. Os alunos se sentem motivados para assistirem suas aulas.

3.3 A influência dos professores no processo de aprendizagem

O professor não poderia ficar de fora desse processo, inclusive porque sem ele seria impossível desenvolvê-lo. O professor é de vital importância para que a aprendizagem aconteça.

No caso do ensino da música, motivar seria estimular o indivíduo, de modo a aumentar a quantidade e a qualidade de seus alimentos musicais. Esta, aliás, é uma das principais tarefas de qualquer professor: motivar; ele deve ser o facilitador do processo de aprendizagem, e a motivação é o seu instrumento principal. Ele pode desempenhar tarefa de várias formas, entre outras: desafiando os alunos, para que eles desejem saber; dar a eles a possibilidade de descobertas; estimulando a prática da investigação, para que os alunos busquem um saber mais duradouro; procurando usar linguagem que os alunos possam compreender; utilizando exercícios que não sejam muito difíceis, coerentes com as condições deles, pois dificuldades demasiadas podem gerar fracassos e facilidades excessivas desestimulam, levando-os a entender a importância do que está sendo ensinando.

A palavra ensinar quer dizer “colocar dentro, gravar no espírito”, ou seja, gravar idéias na cabeça do aluno. O ensino visa a aprendizagem, mas o ensinar não é somente passar informação sobre um determinado assunto. Podemos descrever a aprendizagem como sendo “um processo

de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir.” (Piletti, 1988, p.31)

Como o professor pode ajudar para que esse processo de aprendizagem seja melhor? O professor, primeiramente, precisa considerar que é um aprendiz também, pois estamos sempre aprendendo; além disso, precisa conhecer bem seus alunos, não apenas saber o seu nome e a área da música que eles apreciam ou atuam, mas conhecê-los no todo, conhecer seu caráter, seus talentos, possibilidades e seus conflitos, despertar a confiança neles próprios e na vida.

“Bruner e Piaget podem auxiliar muito o professor na organização de seu ensino, mas será sempre necessário que o professor conheça a realidade de vida de seu aluno – sua classe social, suas experiências de vida, suas dificuldades, a realidade de sua família, etc. – para que o programa possa ter algum significado e importância para ele; isto é, não basta conhecer teoricamente o educando, é preciso conhecê-lo concretamente”.

(Bock et al, 1999, p.120)

Na verdade, a técnica, o aprimoramento do professor são muito importantes, mas o envolvimento com o aluno, a didática que ele vai utilizar precisam ser colocados em destaque. Primeiramente, obtendo e reunindo informações sobre o aluno, e também orientando, planejando bem as aulas, motivando para facilitar a aprendizagem, fazendo com que os alunos gostem da matéria independente dele mesmo, e não esquecendo de sempre avaliá-los, não só através de provas, mas em todo o rendimento.

“Eu nunca tracei uma linha divisória entre o ensino e o aprendizado. É verdade que um professor deve saber mais que seu aluno mas, para mim, ensinar é também aprender” (Gainza, 1998, p.15). O processo das relações do homem com a música mudaram muito, e o professor precisou se adaptar. O professor moderno não pensa só em passar instruções, ele vê isso como apenas uma das tarefas e não a mais importante. A questão psicológica tem tomado grandes

proporções na vida do educador, fazendo com que haja uma preocupação maior com o educando, suas condutas e crescimento.

Professores com auto-estima positiva influenciam diretamente na construção da auto-estima dos alunos. Não excluem alunos, nem tratam diferentemente os que se destacam, não deixam acontecer ofensas ou falta de respeito, e sim estimulam relações de amizade com os colegas. Eles sempre são otimistas, sempre agem positivamente.

“... o professor pode criar uma situação favorável à aprendizagem... Ele precisa ... Conhecer os interesses atuais dos alunos para mantê-los ou orientá-los. Buscar uma motivação suficientemente vital, forte e duradoura para conseguir do aluno uma atividade interessante e alcançar o objetivo da aprendizagem”. (Piletti, 1988, p.33)

Quando um aluno sente alguma dificuldade e percebe que outros alunos, que se desenvolvem melhor, recebem mais atenção, estímulo e apoio, pode sentir-se inferiorizado e acabar não conseguindo desenvolver seus talentos. Ele talvez se torne inseguro, medroso, e passe a não querer fazer tentativas, principalmente, quando exposto à alguma situação de ridicularização, pois não consegue ver mais o erro como fonte de aprendizagem; ele teme errar, pode se sentir perseguido e vê no professor uma ameaça. Sentindo-se inseguro, não recorrerá ao professor em caso de dúvidas e com isso acumula conteúdos não aprendidos. Se, ao cometer um erro, ele não for ridicularizado, não se sentirá em perigo em situações parecidas, não precisará se colocar em posição de defesa.

É necessário passar para o aluno que, enfrentando o medo de errar, haverá crescimento mental e emocional. Isso será possível se ele estiver em ambiente em que se sinta seguro, onde confie em seus professores, onde possa apresentar descontraidamente suas idéias. Os grandes gênios se tornaram grandes através de várias tentativas, onde erraram muito, mas não desistiram e continuaram até o alvo proposto. “Grande parte do comportamento e das atitudes dos alunos é



provocada pelo comportamento, pelos métodos e pelas atitudes do professor”. (Piletti, 1988, p.19).

O professor precisa entender que os alunos são pessoas diferentes, têm aptidões diferentes, e também que se desenvolvem melhor em determinadas áreas que em outras. Não serão todos que se destacarão em harmonia, análise, composição ou no seus instrumentos. Eis uma grande razão para que não se faça comparações entre alunos.

Se o professor tem uma auto-estima baixa, ou já vem com alguns traumas adquiridos na sua vida escolar ou pessoal, corre o risco de passar isso para os seus alunos também. Ele pode evitar conteúdos que são importantes, mas que lhe provocam temor, por causa de recordações ruins.

Pode acontecer que um aluno, muito bom, sabendo se expressar e perguntar, e que tenha um grande domínio do conteúdo, seja uma ameaça para um professor inseguro, que tenha medo de ser expor se não dominar o conteúdo. Claro que também poderia ser um aliado, estimulando o professor e fazendo com que a aula não seja um monólogo, mas o que se observa no quadro em geral é que tal situação provoca uma sensação de mal-estar no professor que se sente despreparado e isso se refletirá no seu desempenho.

Outros alunos vão se sentir muito inseguros com o professor que se mostre irritado por ensinar a principiantes, que nunca está satisfeito com os progressos do aluno, nunca incentiva, que por vezes expõe o aluno, e que não aponta o caminho onde pretende chegar.

Sendo o clima da sala de aula positivo, relaxante, com um professor que recebe os alunos com alegria, demonstra prazer no que faz, orienta e dá apoio, estimulando e aceitando sugestões, haverá sempre bom humor e respeito. O elogio do professor é altamente importante para o aluno, é o que ele estará esperando, e através disso se sentirá muito estimulado.

“O professor que tem entusiasmo, que é otimista, que acredita nas possibilidades do aluno, é capaz de exercer uma influência benéfica na classe como um todo e em cada aluno individualmente, pois sua atitude é estimulante e provocadora de comportamentos ajustados. O clima da classe torna-se saudável, a imaginação criadora emerge espontaneamente e atitudes construtivas tornam-se a tônica do comportamento da aula como grupo”. (Piletti, 1988, p.19).

Cada aluno vai evidenciar capacidades que precisam ser destacadas e deficiências que precisam ser trabalhadas para se transformarem em capacidades. “A pessoa completa tem talentos e fraquezas. Família e escola precisam valorizar os talentos e trabalhar para melhorar as fraquezas”. (Ramos, 2002, p.28). O professor precisa entender e trabalhar para que isso seja verdade em seu estilo de trabalho. Não devemos ficar comparando alunos, pois cada um é diferente do outro e essa diferença é exatamente o que pode facilitar o desenvolvimento dos pontos fortes de todos.

Existem dois tipos básicos de professores, que claro, podem gerar várias ramificações: o professor como mero transmissor de informações ou fabricante de especialistas, e o professor que dirige a aprendizagem, sendo um mediador e motivador, preocupando-se com o aluno na sua totalidade. O professor pode mudar a vida de uma pessoa, fazê-la crescer ou contribuir para o seu fracasso.

Os professores precisam estar sempre buscando um crescimento profissional, sem se esquecer do preparar de suas aulas, que devem ser motivadoras e interessantes. Segundo Piletti⁵, em uma pesquisa feita pela revista Times, os melhores professores não eram os que apresentavam técnicas de ensino refinadas, mas sim os que, movidos por seu entusiasmo, encontraram maneiras próprias de comunicar e ensinar.

⁵ PILETTI, Claudino, “Didática Geral”, 1988

É muito importante que os professores conheçam bem o assunto “emoções”, para poderem lidar com as que estiverem influenciando de forma negativa os seus alunos. “A emoção é a força que está por trás do prestar atenção e aprender”. (Sylwester⁶, Ramos, 2002, p.35).

O mais importante na sala de aula é o bom relacionamento, e o responsável por conseguir-lo é o professor: ele é o líder, e o clima psicológico favorável ou desfavorável vai depender principalmente dele. Esse clima decorre do tipo de liderança que o professor exerce. Segundo Piletti, seriam três os tipos de líderes: a) líder autoritário (tudo é feito segundo a vontade dele), conseguirá alunos apáticos ou agressivos; b) líder democrático (discute tudo com os alunos e permite que eles participem nas escolhas que houverem): conseguirá alunos ativos e participativos; e c) o líder permissivo (é passivo e dá liberdade completa aos alunos): conseguirá alunos que dificilmente vão trabalhar em grupo e que atuarão melhor na ausência do professor.

O que fica, realmente, é que tudo em sala de aula, está intimamente ligado ao professor, na forma como ele vai dirigir suas aulas. Seu discernimento, sua sensibilidade, vão contar muito para que tudo possa correr bem. Muitas vezes, o aluno já vem de experiências ruins. “As experiências negativas causam não apenas desprazer e tristeza mas, o que de certo modo mais grave, fazem com que se veja os próximos conhecimentos de maneira negativa”. (Werneck, 1996, p.53). Vai depender de nós mudar esse quadro, sendo os mais interessados em que haja uma aprendizagem eficaz e que isso contribua para melhores desempenhos. Sentir-nos-emos muito melhores e ajudaremos a escrever uma linda história de amor entre o músico e a música.

⁶ SYLWESTER, Robert. A Biological Brain in a Cultural Classroom: Applying Biological Research to Classroom Management. Corwin Press, Inc. Califórnia, 2000

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as emoções estão presentes em todas as áreas da conduta humana exercendo um papel de fundamental importância para o desenrolar da vida das pessoas. Elas têm o poder de modificar comportamentos, favorecendo ou inibindo o desempenho, dependendo do seu grau de intensidade.

Enfocamos as emoções consideradas desfavoráveis, como o medo, que ocorre devido a estímulos interpretados como ameaça real, e que pode levar a fuga ou a inibição motora e a ansiedade, que é o receio de que algo ruim que possa vir a acontecer. Estudamos também as reações fisiológicas que acontecem junto com as emoções. Compreendemos a impossibilidade de desvincular tais estudos da abordagem do prazer, que vem após a realização satisfatória de um objetivo, pois consideramos ser necessário compreender as emoções favoráveis para que possamos avaliar as contrárias.

As reações fisiológicas que acompanham as emoções provêm de dois sistemas de execução interna: o simpático, que é o da emergência, e o parassimpático, que se opõem ao anterior; são eles que vão provocar as mudanças no comportamento, podendo, por exemplo, interferir no desempenho do músico.

As emoções têm duração limitada e independem da nossa vontade; o sentimento é mais duradouro. Ambos têm grande importância para o homem, pois podem provocar atitudes, gerar decisões importantes para a vida. As emoções também podem ser percebidas através da expressão vocal e facial, de posturas e gestos.

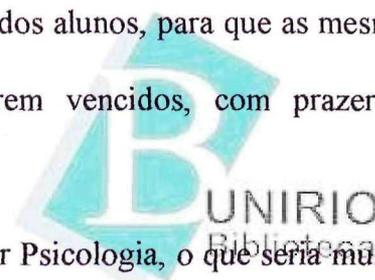
O músico, por trabalhar com a sensibilidade das pessoas, não teria como excluir a sua própria. Ele está, constantemente, envolvido com todas as emoções, e muitas vezes tem o seu desempenho prejudicado por elas. Mas cada um reage às emoções de forma particular, e muito

dessa diferença vem das características da personalidade do indivíduo. Tais características se estruturam próprias desde o nascimento, e são influenciadas pelo ambiente familiar afetivo e social, que vai oferecendo os elementos para construção da identidade do indivíduo.

As emoções podem ou não motivar as pessoas. A motivação serve como facilitadora dos comportamentos e juntamente com as emoções pode interferir diretamente no processo de aprendizagem. Juntas despertam ou bloqueiam o indivíduo para realizar determinada atividade. Motivado, o indivíduo buscará alcançar o seu objetivo. Caso se sinta ameaçado, surgirá o medo ou a ansiedade, podendo levá-lo a um fracasso. O ser humano precisa se sentir em um ambiente seguro, para superar as emoções em excesso e conseguir aprender, podendo arriscar-se, sem ter medo do novo.

Nesse processo, não poderíamos excluir a grande parcela de responsabilidade dos professores, como grandes motivadores. Eles podem construir ou perturbar o processo de aprendizagem dos alunos. A primeira coisa que precisamos pensar é que estamos sempre aprendendo; em seguida, que é preciso motivar e respeitar nossos alunos, pois temos em nossas mãos a possibilidade de transformar vidas. É necessário esquecer o modelo tradicional de ensino, no que diz respeito a só passar instruções, sem que haja envolvimento do aluno e com o aluno. O professor deve procurar conhecer e entender as dificuldades dos alunos, para que as mesmas não sejam empecilhos intransponíveis, mas obstáculos a serem vencidos, com prazer e real aprendizagem.

Não é uma tarefa fácil, nem digo ser obrigatório saber Psicologia, o que seria muito bom; mas se procuramos conhecer algumas das questões que podem melhorar os relacionamentos, a aprendizagem e o desempenho, e as emoções são uma dessas partes, poderemos alcançar



resultados tremendamente favoráveis. Não serão somente os alunos que ganharão, mas principalmente nós, pois seremos realmente professores.

Nosso objetivo inicial era entender o por quê das reações emocionais acontecerem, assumindo, além disso formas diferentes nas pessoas. Buscávamos uma receita para chegar ao autocontrole, tentando que as emoções não perturbassem o desempenho de vários músicos que não conseguem atuar tão bem quanto desejam apesar do muito que se preparam. Mas, na verdade, não há como controlar as emoções, não é possível um autocontrole rígido e racional apenas. O que é certo é que precisamos conviver com as emoções, pois elas dão movimento à nossa vida. O importante é conhecê-las, compreendê-las, para que convivamos com elas em harmonia, conseguindo tirar proveito delas para uma vida melhor. Esta é, talvez a melhor forma de controlá-las: vivê-las.

LEI DO DIREITO AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.



BIBLIOGRAFIA

- 1-ANTUNES, Celso, "A Inteligência Emocional na Construção do novo Eu", 6ª edição Rio de Janeiro, editora Vozes L.T.D.A., 1999
- 2-BOCK, Ana Mercês Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi; "Psicologias – Uma Introdução ao estudo de Psicologia"; 13ª ed., editora Saraiva, São Paulo, 1999
- 3-BROADBENT, Donald E.; "Comportamento"; Editora Perspectiva S. A, São Paulo, 1972.
- 4-CALLUF, Emir; "Psicologia da Personalidade"; Editora Mestre Jou, São Paulo
- 5-CARDOSO, Ricardo, "O que eu não sei ...eu aprendo: Um Guia Prático de Aprendizagem Acelerada e Memorização", Litteris editora, Rio de Janeiro, 2000
- 6-DELGADO, José M. R.; "Emoções"; Livraria José Olympio Editora – Rio, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- 7-GAINZA, Violeta Hemsy de; "Estudos de Psicopedagogia Musical"; Summus editorial, São Paulo, 1998, tradução de Beatriz A Cannabrava.
- 8-HOLLAND, J. G.; SKINNER B.F.; "A Análise do Comportamento"; Trad. e adaptação de Rodolpho Azzi; Editora Pedagógica e Universitária Ltda, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- 9-LUNDIN, Robert W.; "Psicologia da Personalidade"; Tradução de Procópio Augusto Ferreira Júnior; 3ª ed. Rio de Janeiro, Ed. Livraria José Olympio, 1979.
- 10-MALPASS, Leslie F.; HOCUTT, Max O.; MARTIN, Edwin P.; GIVENS, Paul R.; "O Comportamento Humano: Um Programa para Auto-Aprendizagem"; Trad. Juracy C. Marques; Editora Renes, 3ª ed. Rio de Janeiro, 1970.
- 11-MASLOW, Abraham H.; "Introdução à Psicologia do ser"; Trad. De Álvaro Cabral; Livraria Eldorado Tijuca LTDA, Rio de Janeiro.
- 12-MAY, Rollo; "Psicologia e Dilema Humano"; Trad. de Álvaro Cabral; 2ª ed. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1974.
- 13-MORGAN, Clifford T., "Introdução à Psicologia"; Trad. Auriphebo B. Simões, editora McGraw W-Hill do Brasil, São Paulo, 1977
- 14-MURRAY, Edward J., "Motivação e Emoção". 5ª edição São Paulo, editora Guanabara, 1986.

- 15-MUSSEN, Paul Henry; CONGER, John Janeway; KAGAN, Jerome; “Desenvolvimento e Personalidade da Criança”; Trad. Maria Silvia Mourão Netto; 4ª ed.; Editora Harper e Row do Brasil LTDA, São Paulo.
- 16-PILETTI, Claudino, “Didática Geral”, 9ª edição São Paulo, editora Ática S.A.,1988
- 17-RAPPAPORT , Clara Regina; Fiori, Wagner da Rocha; Davis, Cláudia; “Teorias do Desenvolvimento, conceitos fundamentais”, volume 1 editora E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária Ltda São Paulo 1981
- 18-RAMOS, Cosete; “O Despertar do Gênio- Aprendendo com o cérebro Inteiro”; Qualitymark Ed., Rio de Janeiro, 2002.
- 19-SCHRAML, Walter J.; “Introdução à psicologia profunda para educadores”; Trad. Nelson Cassiano, José fernando Marinho Nunes; editora Pedagógica e Universitária Ltda, Editora da Universidade de São Paulo.
- 20-WALKER, Edward I., “Aprendizagem: O Condicionamento e a Aprendizagem Instrumental”. EPU- Editora Pedagógica e Universitária Ltda, EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 1974
- 21-WERNECK, Vera, “Educação e Sensibilidade: um estudo sobre a teoria dos valores”; Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1996

LEI DE DIREITOS AUTORAL
Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998.
Este arquivo não pode ser reproduzido ou
transmitido sejam quais forem os meios
empregados: eletrônicos, mecânicos,
fotográficos ou quaisquer outros.

